

## EDITORIAL

No final do primeiro semestre deste ano, a publicação da *Revista Brasileira de Sexualidade Humana* se deparou com um cenário, no mínimo, preocupante: o mundo sendo devastado por um vírus com alta taxa de letalidade (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020). A publicação do segundo número da Revista no final do segundo semestre, por sua vez, se depara com um cenário, no mínimo, estarrecedor: enquanto muitos se doam e correm conta o tempo para salvar milhões de pessoas da letalidade própria do coronavírus, milhares de pessoas parecem ter despertado uma pandemia não menos perigosa, a pandemia da imbecilidade (BUONOCORE, 2020).

O que caracteriza esse tipo de pandemia é o negacionismo das evidências científicas, da importância do isolamento e distanciamento físicos, da criaturalidade e vulnerabilidade humanas. Com esse tipo de pandemia parece ser muito mais difícil lidar, pois exige superação do universo das *fakenews* que dão a impressão de ter tomado o lugar de tabus e mitos aparentemente até então insuperáveis, enfrentamento de certa doura ignorância que se atreve a impor-se de forma arrogante e a educação da sensibilidade para a indignação diante de tudo o que banaliza o mal.

É nesse cenário que se insere o segundo volume da RBSH deste ano. A sexualidade – lugar do encontro, da partilha, da reciprocidade – abre-se como espaço capaz de proteger as pessoas para que continuem amando. E isso parece contrário num contexto que demanda isolamento e distanciamento físicos. Pois bem, a contradição está no fato de que os abraços, tão desejados, hoje fiquem “suspensos” por certo tempo, mas “grávidos” do desejo de proximidade. Não podia ser diferente, pois nossa humanidade requer proximidade (ZACHARIAS, 2017).

Este volume da RBSH aborda assuntos muito importantes que, se lidos à luz das contradições do momento presente, revelam ainda mais toda sua significatividade. Prestar atenção ao modo como mulheres portadoras do HIV narram suas histórias faz-nos compreender a multiplicidade de entendimento da sexualidade, os valores intrinsecamente ligados a ela e, infelizmente, a vulnerabilidade a que são submetidas quando suas vozes são caladas, porque sua sexualidade lhes é negada.

O momento histórico em que vivemos descortinou a realidade da violação dos direitos humanos e sexuais, a ausência de políticas públicas de atenção e combate ao assédio, à violência e à discriminação sexual em tantos lugares do mundo, tornando reféns não apenas as mulheres, mas um contingente enorme de adolescentes e jovens (BRITO et al., 2020; FERREIRA et al., 2020; UNICEF, 2020). Carentes de projetos de educação em sexualidade, sentem-se sozinhos no processo que deveriam viver de integração da sexualidade no próprio projeto de vida. A pandemia do coronavírus, pelo distanciamento físico que impôs entre educadores e educandos parece piorar esse cenário. A maior proximidade entre as pessoas dentro de casa também não se deu no melhor dos contextos, pois as famílias, nas suas mais diversas configurações, carecem muito de formação afetivo-sexual.

Na era em que um ser invisível nos rouba o prazer de viver com intensidade – no sentido de pôr limites aos nossos desejos e aos modos de satisfazê-los – soa contraditório falar em prazer sexual. Ansiedade, angústia, aflição, medo parecem dominar o horizonte. Custa à esperança ganhar seu espaço. O prazer da espera de uma vacina eficaz, que nos imunize desse ser invisível, deixa bem claro que, embora seja sumamente importante realizar-se sexualmente, o prazer sexual, sozinho, promete o que ele não pode dar: a felicidade (VIDAL, 2017). Urge educar para o prazer de viver com integridade e na integralidade todas as experiências, inclusive as afetivo-sexuais e não reduzir o prazer a uma das suas dimensões.

Há ainda, neste volume, um estudo de caso e uma apresentação de tese de mestrado que, justamente por lidar com a vivência da sexualidade em situações específicas – respectivamente, limitação psicogênica e educação especial – desafiam tanto psiquiatras quanto educadores. Os primeiros, a acertar no diagnóstico; os segundos, a acertar na inclusão. O fato é que tanto uns quanto outros precisam de sólida formação em sexualidade, a fim de ampliar os horizontes de possibilidades de vivência mais humana para as pessoas envolvidas. Ser competente profissionalmente não é sinônimo de ter suficientes habilidades para integrar todas as dimensões do humano. Isso é resultado de um saber inter, trans e multidisciplinar.

O presente volume ainda nos brinda com a resenha de um livro e uma entrevista. Se *Devassos no Paraíso* nos situa no coração do entendimento histórico do processo que levou à higienização da sexualidade por meio do controle dos corpos e das emoções considerados devassos demais e, conseqüentemente, à ruptura com a heteronormatividade e a afirmação dos direitos sexuais de todas as pessoas, Maria Helena Brandão Vilela situa-nos no coração da educação como instrumento de promoção do respeito à dignidade, à diversidade, à saúde sexual e à vivência emancipada da sexualidade.

Se a angústia, a ansiedade, a insegurança e o medo bateram-nos à nossa porta e fizeram de 2020 um ano insuportavelmente pesado, a esperança, a coragem, a fé e o amor na humanidade e no bom senso dos humanos não só bateram à porta, mas fizeram morada entre nós, a ponto de vislumbrarmos um novo ano em que ainda teremos de lidar com os

estragos da pandemia, mas certamente o faremos como expressão de cuidado e de amor; pois aprendemos – com tantas perdas – que há outros tipos de isolamento e distanciamento que nos fazem muito mais mal, como o ódio, a intolerância, o preconceito, a discriminação, a imbecilidade. Empenhando-nos na pesquisa e no estudo, superando a tendência ao egoísmo e à autorreferencialidade, abrindo-nos à compaixão e à solidariedade com os mais vulneráveis, poderemos ter, em nossas mãos, a chance de testemunhar ao mundo a necessidade de sermos pessoas novas, que acreditam numa vida de maior e melhor qualidade e num prazer que não seja efêmero.

**Ronaldo Zacharias**

Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos (Coimbra/Portugal)

Doutor em Ética da Sexualidade (Cambridge/USA)

## Referências

BRITO, L. et al. *Impactos sociais da Covid-19: uma perspectiva sensível às desigualdades de gênero*. Observatório Covid-19 Fiocruz (2020). Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciict/41375/2/ImpactosSociais.PDF>. Acesso em: 19 dez. 2020.

BUONOCORE, J. C. É muito difícil lutar contra a pandemia de imbecis. In: *CONTI outra 2020*. Disponível em: <https://www.contioutra.com/e-muito-dificil-lutar-contr-a-pandemia-de-imbecis/>. Acesso em: 19 dez. 2020.

FERREIRA, V. C. et al. Women's Health, Gender, Public Policies and Medical Education: Issues in the Context of the Pandemic. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, DF, v. 44, supl. 1 (2020): p. 1-8. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022020000500803&tIng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000500803&tIng=pt). Acesso em: 19 dez. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Folha Informativo COVID-19. Brasília, DF: OPAS; OMS, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 19 dez. 2020.

UNICEF. *Como adolescentes podem proteger sua saúde mental durante o surto de coronavírus (Covid-19)*. Brasília, DF: Unicef, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/historias/como-adolescentes-podem-protoger-sua-saude-mental-durante-o-surto-de-coronavirus>. Acesso: 19 dez. 2020.

VIDAL, M. *Ética da sexualidade*. São Paulo: Loyola, 2017.

ZACHARIAS, R. Ética e sexualidade: em vista da compreensão integral da sexualidade humana. In: DIEHL, A.; VIEIRA, D. L. (org.). *Sexualidade: do prazer ao sofrer*. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017. p. 371-382.